Contribuindo com um resgate histórico

Tiro de Guerra TG-36 de Piracicaba

Por Celso Foelkel

Em 1966, dois anos após a tomada de poder pelos militares, ocorreu uma mudança significativa no sistema de seleção dos alistados para o serviço militar obrigatório no Brasil. No nosso País, o alistamento para se servir nas forças armadas sempre tinha sido obrigatório, mas até aquela data, os estudantes universitários que estivessem cursando alguma faculdade em tempo integral tinham duas opções válidas:

- Servir no chamado CPOR – Curso de Preparação dos Oficiais do Exército, caso existisse uma unidade desse curso na cidade onde o estudante cursava a universidade;

- Ser dispensado do serviço militar, caso não existisse unidade de CPOR disponível.

Com a tomada de poder pelos militares em 1964, o governo da época decidiu que o serviço seria obrigatório caso existisse qualquer unidade de preparação de reservistas para as forças armadas na cidade onde o estudante cursasse a universidade. Era o caso de Piracicaba, que dispunha de uma unidade de Tiro de Guerra da Arma da Infantaria (TG-36). Nessas unidades, a preparação ocorre não de forma integral, mas em algumas horas de todos os dias de semana e em um dia integral (ou parcial) de sábado ou domingo.

Não deu outra, em 1967, diversos alunos de nossa turma (A-70) e da turma A-71 tiveram que se apresentar e servir por 9 meses o serviço militar em Piracicaba. De nossa turma foram *escalados* os seguintes colegas: **Drepo**, **Catarina**, **Goiano** e **Celsão**.

Foi definitivamente um tempo difícil para nós, pois tínhamos que conviver com o conflito entre ter que aceitar a imposição de um governo duro e a vontade de liberdade de expressão que os jovens têm necessidade. Também tínhamos a dificuldade de conciliar nossas aulas e provas na ESALQ com a obrigação de atender às instruções do TG-36 todos os dias (período noturno), inclusive em um dos dias do final de semana (dia integral ou só pela manhã).

Para não incomodar muito os colegas da república "Las Vegas", onde eu morava, consegui transferência para a Casa do Estudante de Agronomia, onde lá eu disporia de um quarto individual.

Nós quatro nem tínhamos saído do tempo de bicho e do trote, onde era obrigatório o corte de cabelo curto e uma das principais brincadeiras era a ordem unida, e já voltávamos à situação anterior – e com certeza, *mais um trote* e muito piorado.

Enfim, era algo a ser feito e acredito que nós quatro desempenhamos nosso papel resignadamente e até mesmo com boa disposição. *Se um problema existe, é para ser enfrentado e vencido*. Foi o que fizemos, não havia alternativa.

Acredito que ao final, acabamos por aprender muita coisa, a principal dela mais uma vez foi a camaradagem que foi desenvolvida entre os muitos participantes. Muitos eram pessoas humildes, outros acadêmicos, outros estudantes do colegial de cursos secundários de Piracicaba – enfim, uma fauna humana rica e diversificada, que nos ajudou a guardar muitos aprendizados. O principal catalisador foi a pessoa humana do nosso instrutor Sargento Reginald, que mostrava dedicação à causa militar e respeito às pessoas. Tenho certeza que nós quatro da

A-70 tivemos, em todos os 9 meses do tempo de instrução, o respeito pessoal e profissional do sargento Reginald.

Foi mais uma etapa vencida em nossas vidas, *um parto de 9 meses*, mas que acabou sendo útil. Em nenhum momento sentimos animosidade por sermos acadêmicos, ou por sermos filiados ao CALQ, ou por termos ideais que não eram os mesmos dos militares. Foi um exemplo de como transformamos um problema em um tempo de construção de nossas personalidades, principalmente pela convivência com tantos outros com o mesmo problema.

Aprendemos muitas coisas sobre civismo, tínhamos muitas práticas de ordem unida e exercícios físicos e de variados esportes. Além disso, viramos cantores. Gostaríamos de cantar "Pará não dizer que não falei das flores" do Geraldo Vandré, mas cantávamos também as duas canções básicas da infantaria (Arma militar do TG-36):

Ardor do infante: http://letras.mus.br/exercito-brasileiro/691888/

Hino da Infantaria: http://www.funceb.org.br/hinosecancoes.asp

Conheçam ainda alguns dos hinos preferidos dos estudantes entre 1966 a 1970:

"Pra não dizer que não falei das flores" de Geraldo Vandré:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Pra_n%C3%A3o_Dizer_que_n%C3%A3o_Falei_das_Flores

http://letras.mus.br/geraldo-vandre/46168/?domain_redirect=1 (Música e letra)

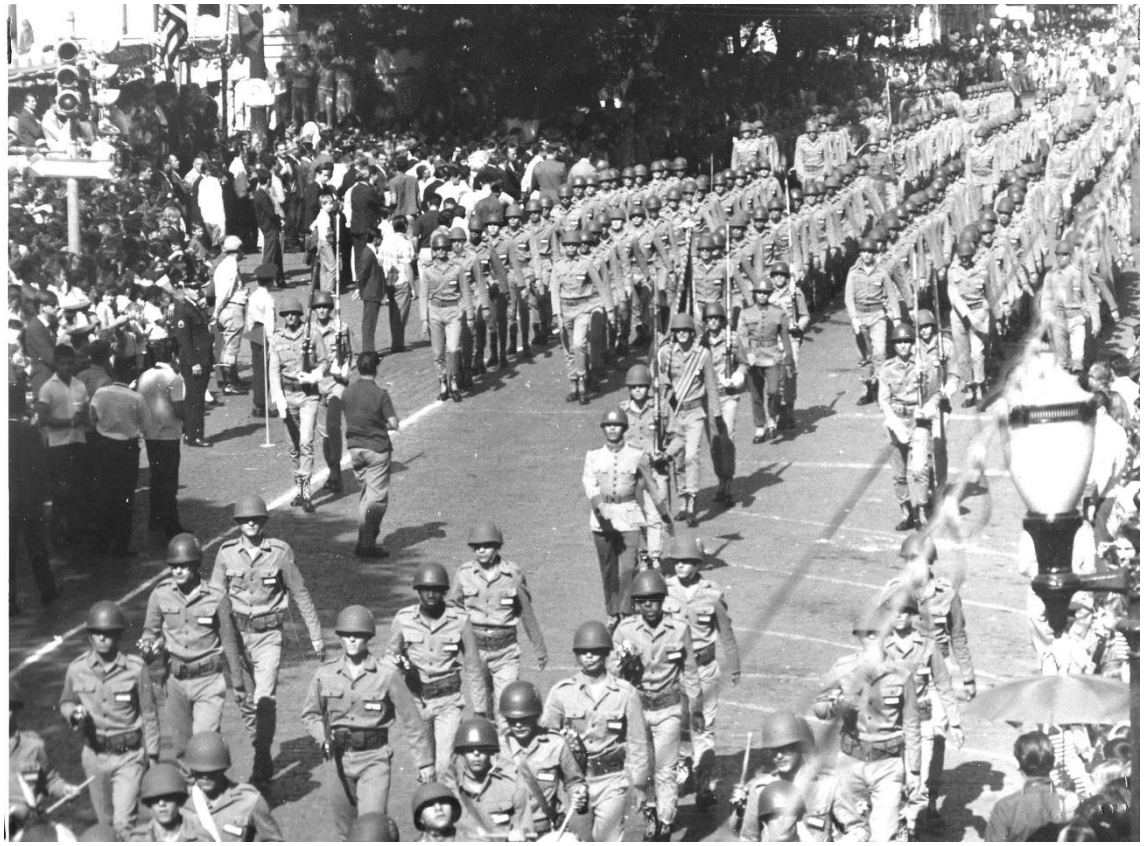
"Roda viva" de Chico Buarque de Holanda:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Roda_Viva_(can%C3%A7%C3%A3o)

http://letras.mus.br/chico-buarque/45167/ (Música e letra)

"Alegria, alegria" de Caetano Veloso:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Alegria,_Alegria

http://letras.mus.br/caetano-veloso/43867/ (Música e letra)

Finalmente, encerro esse relato e resgate histórico com três fotos daquela época, duas da turma toda (5ª Turma) e a outra do desfile de 07 de setembro de 1967, pelas ruas da cidade de Piracicaba. Podemos ser encontrados na foto abaixo como: Castanho, Oliveira Júnior, Vieira e Foelkel.



Quatro esalqueanos da A-70 na 5ª Turma do TG-36 – quatro aprendizados de vida.

Ao Catarina, que já nos deixou - saudades daqueles e de outros bons tempos.